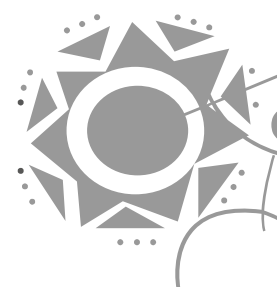




INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



A ocupação de escolas é o filho mais legítimo de Junho de 2013. Entrevista especial com Pablo Ortellado

18 Maio 2016

“Os secundaristas estão trabalhando este duplo legado: seguem criticando o sistema de representação, e não estão fazendo isso por meio da ação de partidos políticos, mas por meio da luta direta, sem intermediação de partidos; e, ao mesmo tempo, estão defendendo essa pauta de ampliação, consolidação e defesa dos direitos sociais”, diz o pesquisador.

As [ocupações das escolas](#) em vários estados brasileiros “são o filho mais legítimo das manifestações de **Junho de 2013**”, avalia **Pablo Ortellado** em entrevista concedida à **IHU On-Line**, por telefone, na última sexta-feira, 13-05-2016.

Segundo ele, “na gênese dessas ocupações” percebe-se a “agitação de grupos que estavam ligados ao **MPL** [Movimento Passe Livre]”, que não reivindicaram apenas a redução do valor da tarifa do transporte público, mas geraram uma



Foto: vermelho.org

“grande mobilização da sociedade brasileira, criticando a **representação política** e defendendo **direitos sociais**, como direito ao transporte, educação e saúde”.

De acordo com **Ortellado**, apesar de “uma parte significativa desse movimento” estar sob a “influência da **UNE** [União Nacional dos Estudantes] e do **PCdoB**”, outra parcela “está sob a influência dos **grupos autonomistas** no sentido ideológico do termo”. Mas a maioria deles, frisa, “não é uma coisa nem outra; são apenas [estudantes](#) que estão se organizando autonomamente e tentando se manter à parte de organizações políticas, na defesa dos seus direitos”.

Na avaliação de **Ortellado**, “as mobilizações dos jovens independem do que está [acontecendo politicamente](#) ou da situação do governo Dilma”, e reforçam a tese de que “as manifestações de rua há 20 anos são dominadas por jovens”, contrariando o entendimento de que os jovens são politicamente apáticos.

Pablo Ortellado é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP. Atualmente é professor do curso de Gestão de Políticas Públicas, orientador no programa de pós-graduação em Estudos Culturais e coordenador do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação – Gpopai, todos na USP.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como você está analisando as ocupações das escolas em vários estados do país, especialmente em São Paulo? Qual é o significado dessas ocupações?

Pablo Ortellado – As ocupações atuais são desdobramentos das ocupações do ano passado, que foi uma das estratégias usadas pelo **movimento dos secundaristas** para se organizar contra o **fechamento das escolas em São Paulo**. Essa foi uma das várias “armas” utilizadas pelo



Foto: www.vice.com

Movimento de Estudantes Secundaristas, que ganhou muita proeminência porque foi muito eficaz. Quando o governo do Estado de **São Paulo** anunciou a chamada “**reorganização escolar**”, que consistia no fechamento de 200 escolas, os estudantes fizeram uma série de mobilizações: primeiro fizeram atos nas escolas, depois fizeram atos nos bairros, atos centralizados na cidade, ocupações das escolas e, por fim, o trancamento de vias importantes.

Portanto, houve um conjunto amplo de táticas utilizadas pelo **Movimento dos Secundaristas**, mas a que ficou conhecida como “símbolo do movimento” foi a **ocupação de escolas**. As ocupações viraram um símbolo dos estudantes por uma série de motivos, especialmente porque havia uma afirmação do espaço escolar, que estava sendo ameaçado de ser fechado.

Então, os estudantes se apropriaram do espaço da escola e realizaram uma série de atividades, como palestras, oficinas, fizeram pequenas reformas nas escolas, e essa apropriação direta gerou uma grande simpatia da comunidade, não só da comunidade escolar – pais e professores -, mas também da sociedade em geral. Acredito que esse sucesso fez com que o governador de São Paulo [**Geraldo Alckmin**] suspendesse temporariamente, no ano passado, o fechamento das escolas e demitisse o Secretário de Educação.

Essa forma de manifestação foi adotada também nas **escolas técnicas de São Paulo**, sobretudo para reivindicar alimentação escolar, que estava ausente ou perdendo qualidade.

IHU On-Line – Percebe alguma novidade nesse tipo de ocupação em relação a outras manifestações que já ocorreram no passado? Essas manifestações dos estudantes têm alguma relação com Junho de 2013?

Pablo Ortellado – Acredito que essas **ocupações** são o filho mais legítimo das manifestações de **Junho de 2013**, porque na gênese dessas ocupações vemos a agitação de grupos que estavam ligados ao **MPL** [Movimento Passe Livre]. Além dessa conexão direta, as ocupações das escolas são a principal encarnação do espírito de Junho de 2013. Além da luta contra a redução da tarifa, Junho de 2013 foi uma grande mobilização da sociedade brasileira, criticando a **representação política** e defendendo **direitos sociais**, como direito ao transporte, educação e saúde, e os secundaristas são a encarnação desse legado.

Em **Junho de 2013** aconteceu um engajamento muito grande da população - 12% da população participou efetivamente dos protestos. Isso gerou um compromisso muito grande da sociedade brasileira com estas duas pautas: a defesa dos direitos sociais e a crítica do sistema de representação. Nesse sentido, a ação dos **secundaristas** é a expressão desse legado, é a crítica da ação dos partidos políticos num momento em que o Brasil está vivendo uma **polarização política** em torno do impeachment.

De certa maneira, os **protestos** que ocorreram contra a presidente **Dilma** são também um desdobramento de Junho. Não é à toa que os dois grupos que lideraram os protestos contra a presidente aludiam a esse legado: um se chama **Vem Pra Rua**, e o outro, **MBL** [Movimento Brasil Livre], deliberadamente para confundir com **MPL** [Movimento Passe Livre]. Mas eles estão trabalhando somente um dos legados de Junho, que é a crítica do sistema de representação, enfatizando a corrupção e mobilizando esse legado com propósitos políticos de fazer uma reforma liberal do Estado brasileiro.

Já os **secundaristas** estão trabalhando este duplo legado: seguem criticando o sistema de representação, e não estão fazendo isso por meio da ação de partidos políticos, mas por meio da luta direta, sem intermediação de partidos; e, ao mesmo tempo, estão defendendo essa pauta de ampliação, consolidação e defesa dos direitos sociais.



"São estudantes que estão se organizando autonomamente e tentando se manter à parte de organizações políticas, na defesa dos seus direitos."

IHU On-Line – Você afirma que os jovens não têm influência partidária. Contudo, é possível identificar alguma influência teórica no modo como eles se organizam?

Pablo Ortellado – Não consigo vislumbrar nada. Eles são mais **autônomos** do que autonomistas, no sentido de que são ideologicamente contrários a partidos; eles são uma expressão mais ou menos espontânea da organização direta, sem a mediação e sem o controle de organizações partidárias. Embora exista uma parte significativa desse movimento que está sob a influência da **UNE** [União Nacional dos Estudantes], do **PCdoB**, tem outra parcela que está sob a influência dos grupos autonomistas, no sentido ideológico do termo. Porém, a maioria deles não é nem uma coisa nem outra; são apenas **estudantes** que estão se organizando autonomamente e tentando se manter à parte de organizações políticas, na defesa dos seus direitos.

IHU On-Line - É possível traçar o perfil dos estudantes secundaristas que estão ocupando as escolas? Há unanimidade entre os estudantes na adesão às ocupações?

Pablo Ortellado – Seguramente há divergências. O governo do Estado – e essa é a novidade dos últimos dias – tem se utilizado dessa divergência que existe no meio estudantil. Como o governo do Estado teme que uma repressão direta aos estudantes traga um ônus político muito grande, o **governo** e a **Secretaria de Educação** têm estimulado os estudantes divergentes a agir contra os seus colegas, e isso tem acontecido bastante. Na verdade, essa tem sido uma estratégia que vem sendo utilizada desde o ano passado pelas direções das escolas, aparentemente por meio de uma coordenação da Secretaria de Educação. Nem todas as escolas apoiam as ocupações, e mesmo nas escolas que são ocupadas há alunos que não apoiam a ocupação, mas isso é natural em qualquer movimento social; é difícil conseguir uma unanimidade.

IHU On-Line – Qual tem sido o comportamento dos estudantes que ocupam as escolas? Alguns afirmam que eles têm tido uma preocupação com o cuidado da escola em geral. O que você tem visto?

Pablo Ortellado – Essa é uma das características mais marcantes desse movimento: ele é uma **apropriação da escola**, embora seja uma crítica ao sistema escolar. O que vimos no ciclo passado - este ainda está em curso e não dá para avaliar direito porque as ocupações não foram tão duradouras - foi um cuidado com a escola: estudantes limpando e pintando a escola, fazendo pequenas reformas, e trazendo palestras, oficinas e shows para a escola. Portanto, tem todo esse simbolismo dos estudantes de se apropriar da escola e transformá-la em um lugar melhor, a despeito do discurso do governo do Estado, que tenta justamente caracterizar o contrário, falando em depredação e vandalismo.

Existe uma **disputa política** entre os estudantes e o governo sobre o significado das ocupações dos

secundaristas: se ela é de violação e de destruição da propriedade da escola ou, pelo contrário, se é a apropriação da escola pelos seus legítimos ocupantes.

IHU On-Line - Os estudantes paulistas utilizaram o manual "Como ocupar um colégio?", elaborado pelos estudantes chilenos, como documento que orientou e ainda orienta as ocupações. Qual é a proposta do manual? Ele tem alguma fundamentação teórica?

Pablo Ortellado – Ele [serviu de orientação](#), sim, e foi da leitura deste manual que nasceu a ideia de ocupar as escolas. Na verdade, as ocupações foram influenciadas por dois elementos: o documentário do **Carlos Pronzato**, sobre a **Revolta dos Pinguins**, que é um documentário mostrando a ocupação das escolas pelos [estudantes chilenos](#), que circulou antes de as escolas daqui serem ocupadas, na época dos protestos de rua; e pelo coletivo autonomista “**Mal Educado**”, que traduziu e distribuiu o manual de ocupação, que tinha sido produzido pelos estudantes chilenos e adaptados pelos estudantes argentinos, o qual mostrava como fazer a ocupação, como entrar na escola, como se organizar em comissões. Esse manual serviu de inspiração para as ocupações, que pareciam muito exóticas num primeiro momento. O fato de os estudantes verem que isto já tinha sido feito em grande escala em outros países serviu de inspiração e de motivação, pelo menos para as duas primeiras escolas que foram ocupadas no ano passado.

Depois da ocupação das duas primeiras escolas, em **São Paulo**, as outras se sentiram mais autorizadas, de tal modo que 200 escolas foram ocupadas no ano passado. Neste ano, o que estamos vendo é que a ocupação está centrada nas **escolas técnicas**, que são bem menos numerosas, por isso, nesse momento, deve haver entre 18 e 20 escolas ocupadas.



"Essa tática da ocupação de escolas se tornou um símbolo e está se expandido"

IHU On-Line - O que vislumbra em relação à continuidade desse movimento estudantil?

Pablo Ortellado – Essa tática da ocupação de escolas se tornou um símbolo e está se expandindo: ocorreram ocupações em [Goiás](#) contra a transferência do controle das escolas para organizações sociais; mobilizações no [Rio de Janeiro](#) contra as más condições das escolas, porque houve um corte de recursos enorme; também houve ocupações no **Ceará** e no **Pará**. Portanto, é um processo que [está se espalhando](#), ainda não chegou num estágio de ficar fora de controle, mas obviamente está se expandindo. As **Secretarias de Educação** estão muito preocupadas com a possibilidade de o movimento ganhar bastante proeminência e se espalhar pelo **Brasil** como se espalhou pelo **Chile** em 2006 e 2011, e até recentemente, no [Paraguai](#), quando os estudantes, depois de uma série de ocupações das escolas, conseguiram derrubar a Ministra da Educação [**Marta Lafuente**].

IHU On-Line - Como está sendo a relação dos estudantes com a polícia?

Pablo Ortellado – Hoje (13/05/2016) tivemos uma novidade. A **Secretaria de Segurança Pública** conseguiu um parecer de que pode fazer as desocupações sem **autorização judicial**, e já ocorreram algumas ocupações agora pela manhã. A **Secretaria de Segurança Pública** tem agido de maneira muito bruta e o governo tem sempre optado por se relacionar com os estudantes mais pela força policial do que “politicamente”. Embora o ato dos estudantes seja um ato político, a resposta do governo não tem sido política, tem sido uma resposta predominantemente [policial](#). A única resposta política que o **governo de São Paulo** deu para as ocupações foi o ato final de suspensão temporária da medida de fechar as escolas.



Policias durante a ocupação estudantil da Alesp, onde os estudantes reivindicavam a abertura da CPI da Merenda. Foto: Jornal GGN

IHU On-Line – Quais são os desdobramentos políticos dessas ocupações no sentido de os governos atenderem as demandas dos estudantes?

Pablo Ortellado – Esse movimento tem demandas muito concretas e conseguiu uma vitória com a abertura da [CPI da Merenda](#) na **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**. Além disso, algumas escolas que não recebiam merenda passaram a receber, e o governo também prometeu construir refeitórios em várias escolas; portanto, os ganhos concretos daquelas reivindicações já estão acontecendo.

Mas, além disso, está acontecendo a emergência de uma **nova geração de ativistas**: os estudantes que estão ocupando as escolas são meninos muito jovens, que têm entre 13 e 17 anos. Nas ocupações do ano passado, o grupo organizador de ativistas, em cada escola, tinha entre 30 e 50 pessoas. Considerando que foram 200 escolas ocupadas, então tivemos algo como seis ou dez mil ativistas que foram formados nesse ciclo. Essas são pessoas que foram formadas politicamente com a ideia de que é possível derrotar o **poder do Estado** quando ele ameaça os direitos sociais, de que essa luta pode ser feita fora das instituições. Isso poderá reforçar um novo componente da política dos movimentos sociais brasileiros nos próximos anos, porque no futuro um número grande de ativistas da nova geração passará a compor os movimentos sociais brasileiros, reforçando essa nova perspectiva que já estava presente nos movimentos anteriores, mas que ganhará a adesão de muita gente.

IHU On-Line – Até Junho de 2013 alguns analistas comentavam que havia uma apatia generalizada, especialmente entre os jovens, em relação à política. Hoje, com as últimas manifestações, alguns analistas sinalizam a existência de um discurso fascista em relação à política. Como você responde a essas análises? O que acontece hoje na sociedade brasileira em termos de manifestações?

Pablo Ortellado – Não concordo com esse discurso, basta ver as manifestações de rua, que há 20 anos são dominadas por jovens. Houve uma interrupção dessas manifestações durante a crise política em torno do mandato da presidente **Dilma**, com o surgimento de [movimentos pró e contra](#) o impeachment, mas esse foi um evento excepcional nos últimos anos, que contou com a participação, nas ruas, de pessoas na faixa etária de 40 a 60 anos.

Mas as ruas são, desde o final dos anos 1990, praticamente apenas ocupadas por grupos de **jovens**.

São eles que estão levantando as reivindicações pela redução das tarifas de transporte, as reivindicações do novo feminismo, do movimento contra o extermínio dos negros na periferia, o movimento pela legalização da maconha, pela adoção de políticas a favor das bicicletas, em defesa de espaços urbanos, como o [Parque Augusta](#) em **São Paulo** e o [Cais José Estelita](#), no **Recife**. Estou falando de movimentos que são formados praticamente apenas de jovens que estão na faixa etária do final da adolescência até os 30 anos.

O que estamos vendo, nos últimos anos, é o surgimento de **novas forças políticas** da sociedade civil, que não estão buscando ressonância nas instituições e nos partidos políticos. Isto é, estão tentando pressionar o sistema político desde fora e por isso, para eles, as ruas são tão importantes.



"Independente do que acontecer nesses setores, essa tendência de organização autônoma dos grupos de jovens seguirá seu curso"

IHU On-Line – Então, após o final do processo de impeachment, vislumbra a continuidade dessas manifestações dos jovens e um esvaziamento das manifestações pró e contra o impeachment?

Pablo Ortellado – Esses são dois processos paralelos: acredito que as **mobilizações dos jovens** independem do que está acontecendo politicamente ou da situação do governo **Dilma**, pois esses são processos mais antigos e até mais profundos do que essa **polarização política**. Claro que a polarização e a disputa em torno do impeachment terminarão afetando politicamente o resto do país, mas é um fenômeno muito imprevisível, porque não sabemos quais serão os desdobramentos da **Lava Jato**, quem será afetado, como o **governo Temer** reagirá a isso, não sabemos como ficará a situação da crise econômica, se ela será aprofundada ou se o **governo Temer** conseguirá controlá-la. Também não sabemos qual será a capacidade política do **governo Temer** de aprovar as reformas que estão na agenda dele, reformas que mexem com direitos trabalhistas, como [Reforma da Previdência](#), e a desvinculação de recursos sociais do orçamento público.

Todas essas questões são muito imprevisíveis e devem determinar o grau de polaridade no país e de agitação política de outros movimentos, que não são os movimentos dos jovens, como o movimento sindical, os movimentos que giram em torno do **Partido dos Trabalhadores** – PT, que têm outra dinâmica. É muito difícil prever o que acontecerá. Mas imagino que, independente do que acontecer nesses setores, essa tendência de organização autônoma dos grupos de jovens seguirá seu curso.

Por Patricia Fachin